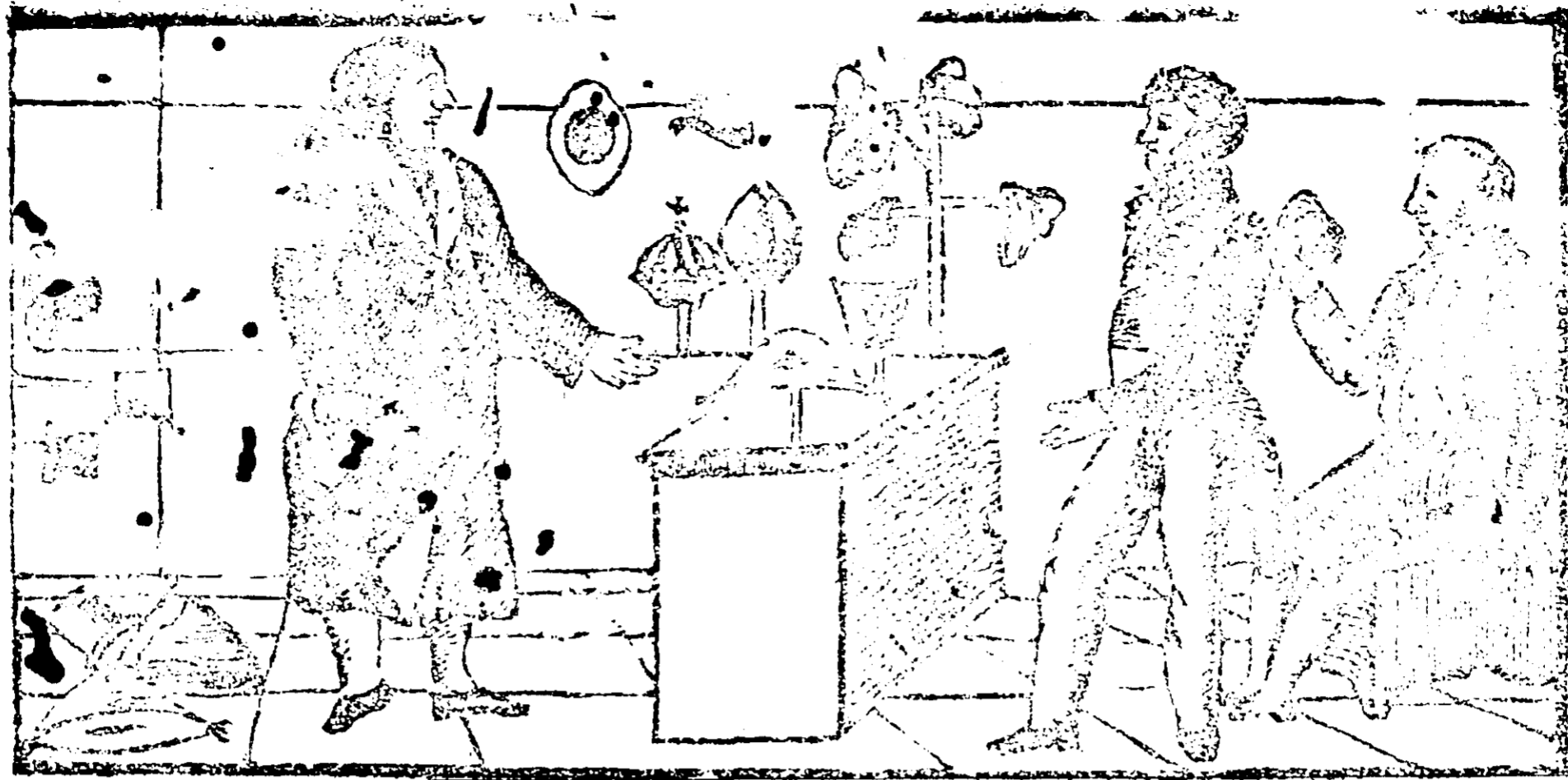


O
CARAPUCEIRO

20 DE JUNHO
DE 1838



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL. E SOBRE ACCIDENTE POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10 Epist. 33.

Guardarei a tua fama as letras boas;
Que he dos vícios fallar, não das pessoas.

*O novo Reino do Rei João Antonio,
e companhia.*

Quando li o Amadis de Gaula, e o Quijote, nunca tomei as pinturas, e descrições do primeiro, se não por sonhos de imaginações desatregadas, e ao seguudo bem manifestamente descobri huma engenhosa, e delicada satyra á Cavallaria andante, vindo me dos Malandrin, dos Encantadores, dos Castellos encantado, dos exercitos de carneiros, e da imaginaria Dulcinea del Toboso: mas pensaria eu nunca de que em meus dias havia de apparecer, em Pernambuco lá para perto do sertão de Pajahú hum Reino encantado, e hum Rei chamado João Antonio? Quem mais vive mais yê: estamos no século das luzes, e não sei, se por isto também das maravilhas.

Não me he desconhecida a Historia de Portugal não só depois do seu 1.º Affonso, como seculos antes, e ainda quando colonia dos Romanos, e depois dominada pelos Goths, Ostrogodos, &c. &c.; e não me recordo de ter visto hum só Rei com o nome de João Anto-

nio! Se esse feiticeiro fesse pbr lá chamado Bastão, talvez não fosse Sebastião, que se quio-o por atarracher as Profecias do Bandarra, do Pretin o do Japão, &c. &c. e toda a farragem da Sceita desses pobres mentecaptos, jurasse já, que era chegado o Encoberto, e surgira do meio do mar (onde dizem alguns Doctores da Sceita, se acha encantado) apresentando-se são, e escorreito na Pedra Bonita em Pajahú de Flores! E quantos não irião abalando d'aqui para ter a dita de bejar a mão ao seu querido D. Sebastião, por quem sempre esperarão com tanto fundamento, como os Judeos ainda esperão o Messias! Mas hum Rei com o nome escoteiro de João Antonio... .. excede á minha espectação, e de certo não poderá grangear as sympathias da manada Sebastica; por que não haverá força tal interpretativa do Apocalypse, e de todas as Profecias, que possa demonstrar, que D. Sebastião, e João Antonio vem a ser o mesmo, e significar a mesma cousa.

Se o tal Compadre Mané Chico, ou

MUTILADO

João Antonio, se contentasse de cingir-se de huma coroa de cipó, e ser aclamado Rei dos tollos; apenas mereceria o riso da compaixão, e quando muito ser trazido para o seu natural Palacio, que he o Carmo, onde o metterião no manto de linho, vestuario proprio de taes Reis, onde seria tractado com refrigerantes, com bichas, &c. &c. até desencantar-se: mas o caso tomou hum character horroroso; por que o Rei João Antonio tinha entranhas de Buzires; quiz sacrificios humanos, e que fossem degolados cem Meninos d'ambos os sexos. Se o sacrificio fosse de cem bois, teriamos hum novo Pythagoras com a sua *Hecatombe*: sendo porém de cem meninos, que nome se lhe daria em Grego. E o que excede a toda a admiração he, que os pais, e ainda mais as proprias mãs entregassem seus filhinhos ao matadouro, como se se tractasse de huma matanea d'ovellas!!! A quanto pode chegar a ignorancia, e superstição! Que bruteza, que barbaridade!

Este Rei João Antonio papa-meninos deo hum homem por si na pessoa do Pontifice João Ferreira, denominado Sua Sanctidade, que foi quem promoveo, e decretou a carnificina dos innocentes: mas seu irmão Pedro assassinou-o, e cingio o Real Cipó. O Rei João Ferreira, cujo Reinado foi brevisimo, não só era assassino desapiadado, se não grandemente sensual; por que tractou logo de casar com sete mulheres, e estabeleceo a Polygamia em seu novo Estado da Pedra Bonita. Dar-se á caso, que S. Magestade João Ferreira fosse versado nas maximas do Philosophismo? O seu procedimento assim o incalca. Parece hum sonho quanto se conta desse caso nunca visto, e eu de certo o não acreditára, se me não merecesse muito conceito de veracidade o mui digno Prefeito de Pajabú.

Dixemos porém ás Leis a tarefa de punir taes crimes; e permitta-se-me chamar a attenção de meus Illustres

Leitores para hum objecto analogo. Sim viude cá, meus atarrachadores de Republicas de paraiso, e me com sinceridade, ao menos dizeis á vossa propria consciencia, isto he paiz, em que se possa estabelecer com prosperidade o Governo Democratico? Hum paiz, onde achão sequito hum caneludo, que se aclama o Rei João Antonio, S. Sanctidade João Ferreira, e logo outro Rei Pedro, talvez Pedro Caffo; hum paiz, onde a barbara estupidez chega a ponto das proprias mãs entregarem seus filhinhos para serem assassinados, a fim de que com o seu sangue purificassem, e desencantassem o novo Reino, será apto para hum Regimen, que deve basear-se na industria, e na virtude? Hum Paiz, onde há quem dê credito, e siga a hum barbaro estupidissimo, que se aclama Rei cordado de cipó, onde há quem logo case com quantas mulheres lhe parece, estará nas circunstancias de governar Democraticamente? Saberá apreciar, e regular a Liberdade hum povo, em que apparece tanta estupidez, e immoralidade?

He falso, e falsissimo o dizer-se, que o homem nasce livre. O homem nasce pelo contrario o mais dependente, o mais escravo, o mais miseravel de todos os animaes. O homem sim nasce capaz de ser livre, assim como nasce capaz de ser instruido: quem o torna livre he a educação, e o desenvolvimento intellectual, e sobre tudo a Religião de J. C., unica Religião, que nos ensina a ser verdadeiramente livres." Vós conhecereis a verdade (piz o Divino Mestre em S. João) e ella vos fará livres." D'aqui se conclue em boa Logica, que nem todos os Povos estão no caso de gozar do mesmo grau de Liberdade; pois esta deve seguir a razão directã da sua educação, do seu desenvolvimento intellectual, da sua Industria, e mais que tudo da sua Religiosidade: pelo que se me perguntarem qual he o Povo, a quem compete maior somma de liber-

MUTILADO

dade; não hesitarei em responder: he aquelle, em que se quer mais industria, mais cultura, e mais Religião.

Os nossos Republicueiros, geralmente fallando, ou são pescadores matreiros, que perderão o laço, e por isso estão zangados com o actual Regimen, em qu'elles falhou o pescado, ou são huns melquetrefes, e chuchimecos perfeitamente vadios, que querem especular sobre a desordem publica, e sair-se da nullidade, em que tristemente se debatem, ou são alguns (poucos) illudidos, que levados de formosas theorias, e bellas utopias, julgão, que o Brazil já tem chegado á sua completa maduração, e pode gozar da maior liberdade imaginavel.

Não gastarei tempo, e palavras em chamar á razão ás duas primeiras classes de Republicueiros; por que o seu erro não vem do entendimento; sim unicamente de huma vontade ambiciosa, e depravada. Taes homens não se convencem com argumentos: só lhes aproveita a vigilancia de huma Policia activa, e perspicaz. Eu só me dirijo aos poucos Republicueiros de boa fé; e lhes pergunto "O que pretendeis, meus bons Patricios? Liberdade. Nós temos em a Monarchia Constitucional Representativa tanta, quanta carecemos, e talvez mais alguma cousa, do que o pedem a nossa população, e circumstancias: além do que a liberdade não he o fim, porém o meio de preencher o destino social, que não pode ser outro, se não a felicidade publica; donde he de se concluir, que he preciso proporcionar os graus de Liberdade ás circumstancias de cultura, de habitos, e costumes, em que estiverem os Povos, de sorte que a Liberdade he hum instrumento, que só deve ser deixado em poder de quem o saiba manejar.

Não nos cegue o amor proprio, nem nos illudamos a respeito do nosso Paiz. A cultura intellectual, a industria, a civilisação do Brazil limitão-se ás Capi-

taes do seu litoral, e a huma, ou outra villa mais consideravel do interior. Neste á excepção de alguns boomens, que communicão directamente com as Cidades, tudo o mais vive na mais crassa ignorancia, e o que mais he, no lodo dos vicios mais immundos. O continuo tracto com a escravaria tem inoculado em a nossa população habitos grosseiros, hum predominio selvagem, e huma vida licenciosa, que muito tem corrompido a nossa moralidade. A mesma igualdade legal, fundamento das verdadeiras Republicas, e de todo o Governo livre, essa igualdade tão gabada dos nossos Republicueiros, não passa de hum nome vão para imbaír a credalidade dos tollos. He hu paiz d'escravatura, em hu paiz, onde quem nasce livre vai logo desde menino observando a incomensuravel distancia do Senhor ao escravo, igualdade he huma chimera, ou huma burra. E será possível, que com tal população se estabeleça, e medre hum Governo Republicano? Hum paiz, onde hum critico Sertanjo coroa-se de cipó, e aclama-se Monarca de hum Reino encantado, e este palhaço chamado o Rei João Antonio, ou Rei João Femeira, ou Rei Pedro Cafôfo persuadem a pais, e mãis, que entreguem seus filhos para serem degolados, dá huma prova cabal do seu estado de rusticidade, e conseguintemente que está bem longe de possuir as luzes, os habitos, e virtudes, indispensaveis em huma Republica.

Que gente temos pois para essa Republica? O Brazil por ventura he só a população do litoral? Mesmo por aqui q' ignorancia não surge de todas as partes? Que difficuldades não há muitas vezes em encontrar capacidades para os diversos empregos, e cargos do Estado! E como ainda há quem se lembre de Republicas no Brazil? A massa do nosso povo ainda he tão ignorante, e tão pouco morigerada, que para ella a Republica he synonyma de roubo, de matança

— He toda a vida de desenvoltura: e he com taes circumstancias, que se querem fazer Republicas? Entãtambem-se por esses matos, e vão passar do pouco, ou nenhum respeito, que ali merecem as leis, a facilidade, e impunidade, com que se perpetrão os maiores crimes, o quanto por ali se barateão as vingancas particulares, e sem que os Magistrados possam proceder na punção do crime; por que arriscão se a incorrer no desagrado da mór parte dos poderosos, que outros tantos Velhos da Montanha acco-

The faccin rosos, tem sicarios assoldados, que são ministros infernaes de seus caprixos, de seus furroses, e vinganças, de maneira que geralmente fallam e com poucas excepções os direitos, e deveres do cidadão lá por esses matos são muitas vezes decididos em ultima instancia pelas boccas dos bacamartes: e he com tal gente, que ha de vingar o Regimen Democratico entre nós?

A Aristocracia, de que tanto mal fallam os nossos propagadores politicos, he a balda principal do Povo do Brazil Basta, que qualquer seja, ou se julgue de raça branca para olhar com certo desprezo para os que elle considera massavados, e d'ahi até o escravo da Costa d'Africa. O pardo despreza o preto e coulo, este superiorisa-se do Africano; e todos fallão muito na tal igualdade, que só querem da sua classe para cima, e nunca para baixo. E pode prestar para nada huma Democracia com tal gente? Huma dolorosa experiencia já nos não terá escarmentado sobrejamente, que taes revoluções no Brazil são obra de espertalhões, e rasgados, que se querem locupletar á custa dos papalves, que os seguem, e creem no seu palavreado hipocrita? E quantos podera eu endigitar, que outr'ora erão humas Democracias ambulantes, huns declamadores eternos contra todas as testas coroadas; e hoje são humilissimos escravos, e viz aduladores do Po-

der, ambo, na este se ache não em os Cedros do Libano, muitas vezes collocado em idolos de madeira! E ainda ha quem acredita em os nossos badamecos architectos de Republicas? *Credat Judeus Apella, non ego.*

Por me pronunciar constantemente contra a d'sgraça de Republicas no Brazil, não conclua alguém, que me ha q' eis no extremo opposto, est' he; que deoje o regresso da Monarchia absoluta. Não, não longe estou de enojar por essas pedras ebbelas do Egypto: nem e he em ebbeca, que pensa, que volta d' bom grado, para hum regimen de caprixos, e d'imposturas hum Povo, que já sabotou a guerra cousa de hum Governo livre. De mais q' isera, que esses, que desejão huma Monarchia absoluta, me dissessem, se elles tem a virtude fabulosa de Prometheo. Se proclamado o seu predilecto regimen, não p' mettem formar homens de inticeza, e saber consumido para serem empregados nos innumeraveis ramalhas Publica Administracão. Estou certo, que não logo hão-se de remeitar com a louca de casa: hão se de servir dos mesmos homens, dos mesmos elementos, e por tanto *erit novissimus error peior priori.* Os absolutistas Monarchicos não passão de meia dazia d'ambiciosos, que querem á sombra do Throno enher-se de riquezas, e prestigns, assim como os demagogos que se queimam a libertar os Povos.

Concluirei affirmando, que a Monarchia Constitucional Representativa, será o meu norte, como sempre foi. Reformem-se sim pelos tramites legaes as leis, e instituições, que a experiencia nos tem mostrado deleituosas, ou incompativeis com as nossas circumstancias: vamos pouco, e pouco remedeados os nossos males, e sejam as reformas boas de salvacão a Religião Catholica, e a Constituição, e o Imperador: nada mais, e nada meno.

Peru: na Typ. de M. F. de Faria 1838

MUTILADO